

O PAPEL DA MEMÓRIA NA PEDAGOGIA DA MORTE (SÉCULO XV)

LETÍCIA GONÇALVES ALFEU DE ALMEIDA*

Uma das obras escritas de grande difusão no século XV, a *Grande Danse Macabre*, anunciava, incentivando a preparação antecipada para a morte:

Bom é nisso pensar [na morte], noite e dia,
Uma vez que é proveitoso.
O que é hoje morrerá amanhã,
Pois não há nada mais verdadeiro
Que morrer, nem menos estável
Que a vida do homem. [...]¹

Tal trecho adianta-nos algo sobre a ênfase da reflexão medieval sobre a morte nos séculos XIV e XV: o *memento mori*. O *memento mori* significa o “lembrar-se da morte”, diz respeito à recordação da transitoriedade da vida humana, ou seja, insiste na necessidade de se conservar diariamente a lembrança da própria morte e a consciência da transitoriedade da vida, sendo um exercício reflexivo fundamental para atingir a salvação. O tema do *memento mori* tem como base a idéia de que a morte não anuncia sua chegada, é repentina e definitiva, pode-se morrer tanto hoje como amanhã, nunca se saberá. Portanto, para não ser pego desprevenido, o homem deve preparar-se antecipadamente para o assalto da morte, preparação que consiste em se manter livre dos pecados e levar uma vida virtuosa. Sendo assim, o pensamento da morte é o que deve orientar a vida e as ações do homem medieval. A manutenção da lembrança constante do fim e da danação é o que irá manter o homem vigilante em relação à sua conduta no mundo e à prática das boas obras, que o conduzirão à salvação. Sendo assim, numa relação recíproca, o pensamento da morte orientará o cristão a ter uma boa vida, assim como uma vida virtuosa terá por consequência a boa morte.

Essas recomendações referentes ao comportamento diante da morte são difundidas por um discurso coeso e didático, dirigido pelo discurso pedagógico religioso, que se apoiou, sobretudo, na pregação das ordens mendicantes desde o século XIII e que no século XV recorrerá a um recurso eficaz: a escrita (HUIZINGA, 19--?, p. 143). Com o

* Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp – FHDSS).

¹ “*Bon y fait penser [à la mort], soir et matin,/ Le penser em est profitable,/Tel est huy qui moura demain,/Car il n’es rien plus veritable/ Que de mourir, ne moing estable,/ Que vie d’homme[...].” La grande danse macabre. Paris: Baillieu, 1862. p. 23. Tradução minha.*

aumento da circulação livresca nos séculos XIV e XV, a partir da produção xilográfica, a pregação religiosa encontrará no livro um importante meio de difundir seus ensinamentos.

A produção escrita do século XV, a partir da xilografia e em seguida com a imprensa, servirá profundamente aos objetivos da pregação clerical, a partir da difusão de obras de educação espiritual, moralizantes e em língua vulgar, acessíveis a um público amplo pelo formato compacto e prático (FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 47-48). A educação religiosa nesse período irá se apoiar fortemente nos livros, que atuarão como importantes instrumentos da formação espiritual dos leigos, fornecendo modelos de conduta, reforçando a introspecção e o exame de consciência por parte dos fiéis (RAPP, 1971, p. 38). A educação dos leigos foi uma das grandes preocupações clericais do século XV, que se expressou num interesse de renovação da pastoral, a qual pastoral veria na pregação oral do teatro e nos livros de piedade instrumentos fundamentais para a edificação moral dos fiéis, a partir de uma linguagem mais simples e acessível (Ibid., p. 296-314). É nesse contexto que encontramos o lugar de destaque dos livros de preparação para a boa morte, como um tipo específico de livro, e percebemos que a morte se apresenta como o tema central da pedagogia religiosa da época.

Convém assinalarmos que a ação pedagógica dos livros de piedade, entre os quais os livros sobre a morte, incide sobre uma nova sensibilidade religiosa, em que uma parcela de fiéis busca uma fé mais interiorizada e pessoal. A partir do século XIV, intensifica-se o processo de individualização da devoção e a personalização da fé se torna uma tendência geral no período (Ibid., p. 204): nesta época, a grande conquista teria sido a vida interior, a introspecção espiritual, o estímulo ao exame de consciência (VAUCHEZ, 1995, p. 189-199), o que nos remete ao papel dos livros de devoção nesse processo. A nova devoção surge das correntes religiosas místicas, vinda dos Países Baixos e expressa pelo movimento da *devotio moderna*. Ela penetra o mundo leigo graças à insistência dos teóricos místicos quanto à necessidade de educação religiosa dos fiéis (RAPP, op. cit., p. 227-248). Dentre os místicos franceses, chama-nos a atenção o papel do chanceler de Paris, Jean Gerson (1363-1429), e seu empreendimento a favor da educação dos leigos, sobretudo dos simples fiéis. Gerson produziu obras especificamente voltadas para a educação dos simples, inclusive sobre a morte, entre os quais os sermões populares sobre a *Science de bien mourir* e o *Abc des simples gens*, do

início do século XV, que seviram de base a textos didáticos sobre a morte produzidos ao longo do século. Sendo assim, a ortodoxia religiosa irá se apoiar nessa nova espiritualidade, introspectiva, que, ao contrário de promover uma autonomia do fiel em relação à prática devota, servirá de receptáculo para a assimilação dos ensinamentos religiosos da Igreja (SAENGER, in CHARTIER; MARTIN, 1989, p. 155-159).

Essa nova sensibilidade religiosa, baseada numa necessidade de um contato mais íntimo com o sagrado, liga-se, por sua vez, ao clima de insegurança espiritual que se instaura a partir do século XIV. No contexto da França do final da Idade Média, a crise interna da Igreja, o cisma, as pestes e a guerra haviam colocado os fiéis em uma situação de desamparo, privados da mediação dos clérigos na relação com o divino, sobretudo na hora da morte. Assiste-se ao intensificar de uma demanda por proteção espiritual por parte dos fiéis, que, cada vez mais, recorrem a práticas supersticiosas que fogem ao controle eclesiástico (BOZOKI, 2001). Somado a todas as dificuldades da vida nesse final do medievo está o sentimento dos cristãos de não serem mais dirigidos por seus guias naturais (espirituais), tampouco pela autoridade religiosa; e esse sentimento lança aos fiéis a necessidade de viver sua própria devoção, fora da mediação clerical, numa piedade mais individual e direta na relação com Deus (DUBY; MANDROU, 1968, p. 200). Os livros de devoção do período, incluindo os sobre a morte, têm a pretensão de mediar esse contato com o sagrado, ao mesmo tempo em que pretendem ditar as regras da prática devota, concretizando um intuito da instituição eclesiástica de reatar seu relacionamento com os fiéis desamparados - como observou Florence Bayard (1999, p. 164).

O ponto que interessa a esse trabalho é que, ao lado da individualização e da interiorização da devoção de maneira geral, parece haver um movimento semelhante de individualização e de introspecção referentes à morte. Ganha lugar nesse momento a notória individualização tanto das práticas e ritos da morte, como da reflexão sobre ela: a morte apresenta-se cada vez mais como uma preocupação individual. Nos séculos XIV e XV, o pensamento da morte teria se voltado para a morte individual, para a angústia da “morte de si”. Nesse período, observa-se, por toda a Europa ocidental, o eclodir da obsessão pelos temas macabros, pelas cenas da putrefação, que exibem uma extrema preocupação com a morte física e individual (ARIÈS, 1989, p. 31-42).

O historiador François Boeuspflug (2001), por exemplo, num texto intitulado *La trinité à l'heure de la mort* busca os significados do fenômeno da crescente recorrência da associação entre o tema da Trindade e o da morte individual. Segundo o autor, a multiplicação das imagens da Trindade se deve ao aumento da necessidade de proteção espiritual, em que as calamidades e epidemias teriam seu papel. Sobre as imagens do homem no leito de morte, Boeuspflug avalia a *Ars moriendi*, que considera uma representação da morte individual e do modelo da boa morte. O autor analisa a iconografia da *Ars moriendi*, repleta de figuras celestiais, Trindade, anjos e santos ao redor do moribundo, repelindo as ameaças do diabo, como um recurso que pretende criar um sentimento de segurança, fundado na esperança da salvação. Em suma, o recurso à Trindade na honra da morte revela um sentimento de desamparo do fiel no leito de morte e uma necessidade de fornecer apoio espiritual e esperança em relação à salvação - o que explica a função da arte de morrer. Nesse sentido, vemos a relação estreita que se estabelece entre a percepção individual da morte e o sentimento de desamparo.

Outro enfoque que complementa a do desamparo é a de Jacques Chiffolleau (In: BRAET; VERBEKE, 1996, p. 122) que, em sua reflexão sobre o eclodir da obsessão pelo macabro no século XV, também associa o exacerbar da preocupação com a morte individual ao medo do abandono, tão forte em tempos de epidemia. A doença, a epidemia assusta, porém o que mais aterroriza é o abandono do moribundo pelos parentes e amigos, é a morte solitária, sem rito, sem preparação, é a ausência da intercessão dos vivos. Segundo o autor “[...] é sem dúvida na consciência desse abandono que se elabora, se forma e se reforça a noção de pessoa, de indivíduo”. Para a presente pesquisa, o que chamou a atenção na análise Chiffolleau foi justamente o tratamento da individualização, da construção da consciência de si, assim como a relação destas com o problema do sentimento de abandono. Essas duas questões são importantes para nosso entendimento acerca do papel dos livros de preparação para a morte do período, principalmente a *Ars moriendi*.

Em consonância com essa individualização do sentimento da morte, ao longo de todo o século XV, um expressivo volume de textos didáticos será difundido de maneira a alimentar e orientar a reflexão e os comportamentos em relação à morte, denunciando a grande recorrência do tema na pedagogia – receitas para a boa morte proliferaram em

diversos textos didáticos do período, sendo o tema um dos conteúdos indispensáveis do discurso pedagógico religioso. De início, esses textos são produzidos a partir da produção xilográfica e, nas últimas décadas do século, pelas técnicas tipográficas, circulando sob pequenos formatos, com vistas a uma ampla difusão. Tais obras pretendem fornecer ensinamentos simples, práticos e morais sobre a morte, com um discurso bastante uniforme e prolixo, que apresenta receitas sobre como os cristãos devem se comportar na hora da morte, e sobre como ter uma boa vida a partir da meditação cotidiana da morte. Quase a totalidade desses textos é de natureza religiosa e didática, tratando-se de obras de devoção (RAPP, op. cit., p. 152), em que a grande preocupação é a prática da conduta devota e a obtenção da Salvação. Entre esses textos didáticos de preparação para a morte, destacaremos a *Ars moriendi* (Arte de bem morrer), que terá papel fundamental na pedagogia da morte, figurando como um dos principais títulos da produção escrita do século XV, sendo uma das principais obras sobre a morte, ao lado de textos como o da Grande Dança Macabra, por exemplo.

A *Ars moriendi* é um opúsculo destinado a orientar o moribundo sobre a boa conduta na hora da morte. Mais precisamente, pretende ensinar quais pensamentos e ações o cristão deve apresentar no momento do combate final, quando o anjo e diabo disputarem sua alma. Enfatiza o julgamento particular, em detrimento da noção de Juízo coletivo. Trata-se de um guia prático, destinado, ambigualmente, não só ao moribundo, mas também aos homens sãos que lhes devem prestar assistência. A mensagem da arte de morrer assinala que a pior morte não é a do corpo, mas a da alma (a danação) e seu maior objetivo é auxiliar o cristão para que este não deixe que sua alma morra.

A ênfase da *Ars moriendi* é a preparação para a última batalha, para o momento pontual da morte, o que testemunha uma singular preocupação do século XV com o momento final, concebido como a hora da grande decisão, em que a atitude do homem neste momento é que dará a conclusão de toda a sua vida e decidirá o futuro da alma no além (ARIÈS, op. cit., p. 35). Sendo assim, percebe-se o papel de destaque dado à atitude do indivíduo no último instante e o poder que o fiel tem de decidir seu próprio destino, poder de escolher entre o mundo (os prazeres e os bens terrenos) e a salvação. O momento final é decisivo, é onde o moribundo é ao mesmo tempo testemunha e ator de seu julgamento. Desta maneira, a salvação depende mais da atitude no momento final do que do acúmulo das ações ao longo da vida; assim, o cristão tem uma última chance

de se redimir perante o criador. Porém, o problema está no fato de que nunca se saberá se o momento final virá hoje ou amanhã, pois o futuro é incerto.

Sendo assim, o texto da *Ars moriendi* enfatiza a necessidade de renunciar aos pecados e de se preparar enquanto é tempo (*L'art de bien mourir*, 1496, p. 6). A obra orienta o leitor a não esperar a velhice para começar a fazer penitência, dando o exemplo daqueles que morrem jovens sem terem tempo de se redimir perante Deus. Desta forma, a maior preocupação é evitar a morte sem preparação. O texto apresenta basicamente dez capítulos, cinco destinados às tentações que o diabo lança ao moribundo (tentação contra a fé, tentação da desesperança, da impaciência, da avareza e do orgulho ou vanglória), contra as quais o anjo apresenta, em cinco capítulos, cinco inspirações ou conselhos ao moribundo, para que este saiba resistir aos argumentos do diabo. O texto consiste num diálogo em que o anjo e o diabo dirigem a palavra ao moribundo, com trechos em que o autor anônimo intervém com explicações. Notamos a centralidade do personagem do moribundo, sobretudo nas imagens que acompanham o texto.

O principal objetivo do diabo, através das cinco referidas tentações, consiste em fazer com que o moribundo perca a fé na misericórdia divina e a esperança na salvação de sua alma e, assim, deixe de lutar na hora final, que é o momento decisivo. Para esta pesquisa, chama a atenção o fato de que um dos principais recursos do texto da arte de morrer é a forma como trabalha com as lembranças individuais do moribundo. Curiosamente, a recordação da vida passada do moribundo é sempre estimulada pela figura do diabo. Na tentação da desesperança, por exemplo, o diabo enumera os pecados cometidos pelo doente ao longo da vida para o conduzir ao desespero, fazendo-o rememorar as faltas cometidas. Na tentação da avareza, o autor anônimo explica que, na hora da morte, o diabo tentará o doente fazendo com que ele se lembre de todas as coisas que possuiu e amou em vida, incentivando o apego do mundo e a negligência em relação aos pensamentos úteis à salvação da alma:

[...] E para o subverter [o moribundo] e fazer obstar a cogitação das coisas saldáveis para a sua alma, [o diabo] vem apresentar ao doente e reduzir sua memória a todos os assuntos e ocupações temporais que o paciente teve no mundo, especialmente aquelas que ele mais amou e teve mais afeição, para que, pelo pesar que o paciente possa ter de deixar aquelas coisas temporais das quais ele teve tanta felicidade, ele perca seu

entendimento e deixe de pensar na salvação de sua alma. (*L'art de bien mourir*, p. 32.)²

O autor anônimo ensina, com base nas autoridades e nos santos, que não se deve lembrar das coisas temporais na hora da morte, o moribundo deve “esquecer a riqueza e a frivolidade do mundo e pensar apenas na salvação da alma” (*L'art de bien mourir*, p. 33). O anjo, contra a tentação da avareza, toma a palavra e se dirige ao doente dizendo: “Deixa de pensar nas temporalidades, lembra-te que tu mesmo és cinza, das cinzas vieste e às cinzas retornarás” (Ibid., p. 35). Na tentação da vanglória, o diabo exalta as supostas virtudes do doente, pretendendo trazer à mente dele os conteúdos de seu passado e instigar o orgulho de suas boas ações: “[...] tu viveste virtuosamente todos os dias e em boas obras resistiu aos vícios e tentações assim como um valente cavaleiro”. (Ibid., p. 45) Já o anjo, em contrapartida, sempre adverte o moribundo a não pensar nas coisas terrenas, e a se esquecer dos pecados cometidos, das coisas e pessoas amadas, para se desprender do mundo e bem morrer.

Nesse sentido, percebemos como a obra orienta o fiel a pensar a própria trajetória, ao voltar-se para o próprio passado, assim como pensar no seu futuro particular: a danação ou a salvação, e também na importância de sua ação no presente, tendo em vista preparar-se para a morte a cada instante. Percebemos também o importante papel do jogo entre as figuras do anjo e do diabo no estímulo à memorização. Entrevemos que os ensinamentos da *Ars* pretendem orientar a maneira como o homem se percebe no tempo, através da percepção de sua trajetória individual, em relação ao passado, presente e futuro. E essa percepção só é possível através da memória, que no caso do homem medieval se funda tanto pela lembrança das coisas da vida terrestre, como na manutenção da lembrança das coisas superiores e eternas, ou seja, daquilo que deve ser sempre lembrado: a morte, o Paraíso, o Inferno, as virtudes, etc (YATES, 2007, p. 78). A arte de morrer parece convergir para uma reflexão mais personalizada e, confirmando a opinião do conhecido historiador da morte, Philippe Ariès, a obra mostra que o

² [...] *Et afin de le subvertir et faire oster la cogitation des choses salutaires pour son âme, luy vient presenter devant luy et reduyre a memoire toutes les negoces et occupations temporelles que le patient a eu au monde, speciallement celles que plus il a aimées et ou il a eu plus d'affection. Afin que par le regret que le patient peut avoir de laisser icelles temporalitez ou il a eu tant de felicité il puisse troubler son entendement et laisesser a penser au salut de son âme.* Tradução minha.

pensamento da morte passa a se ligar ao da biografia individual, uma vez que na hora da morte o homem passa a rever toda a sua vida (ARIÈS, 1989, op. cit., p. 35).

Outras obras sobre a morte também pretendem fazer aflorar as lembranças individuais. No texto da Grande Dança Macabra, por exemplo, um a um, os mortos chegam aos vivos convidando-os para a dança, numa simbologia da chegada da morte. Ao dirigir-se ao vivo, o morto refere-se sempre à vida que o vivo levava até então, suas alegrias, tristezas, riquezas e glórias, tudo que o vivo deverá deixar para trás a partir daquele instante, em que a morte é anunciada. A morte fala ao cavaleiro: “Vós que entre os grandes barões/ Fostes cavaleiro renomado: / Esqueças trombetas, clarões, / E me sigas [...]”³ (*La Grande Danse Macabre*, p. 7). Desta forma, apresenta-se constantemente a contraposição entre o que o vivo foi, em vida, entre o que ele é no instante presente (morto), e o que terá no futuro (a salvação ou a danação), assim como a contraposição entre o abandono dos bens terrenos e a obediência ao chamado da morte. Em suma, há o incentivo ao “lembrar-se da morte” e ao “esquecer-se da vida”.

Desta forma, vemos que a preocupação com a morte passa a se referir mais ao destino das vidas particulares, e que a reflexão da morte está intimamente ligada ao processo de rememoração das lembranças individuais. Percebemos o estímulo ao exercício da memória como um artifício constante da *Ars moriendi* e de outros textos sobre a morte, ou seja, que a prática da memória se apresenta como o exercício psicológico fundamental que pretende orientar e embasar a reflexão sobre a morte. Interessa-nos refletir sobre como tais obras lidam com os conteúdos da memória individual, da vida mundana particular do leitor, sobre como se pretendeu, por meio dessas obras didáticas sobre a morte, controlar as lembranças individuais dos fiéis, a partir de julgamentos morais sobre o que deve ou não ser lembrado.

Assim, percebemos o importante papel da memória na construção da consciência individual da morte e da noção de trajetória particular do cristão do século XV, pois, como dissemos, a reflexão da morte dessas obras articula passado, presente e futuro das trajetórias individuais de seus leitores. A análise do jogo/diálogo entre os personagens das obras – no caso da *Ars moriendi*, entre anjo, moribundo e demônio, no caso da *Grande Danse*, entre o morto e o vivo, etc. – nos ajudam a entender a relevância desses

³ “*Vous qui entre les grans barons/ Avés eu renom chevalier:/ Oubliez trompettes, clarons/ Et me suivés [...]*”. Tradução minha.

diálogos no incentivo ao exercício da memória particular do leitor. Esses personagens atuam como peças fundamentais na orientação do que deve ou não ser lembrado, sempre revelando o sentido moral que orienta essas lembranças.

Quanto ao lugar dado aos conteúdos da memória da vida particular do cristão, a rememoração da biografia pessoal tem caráter moralmente negativo, já que sempre estimulada pela figura do diabo, como artimanha para desviar o fiel dos pensamentos úteis à salvação da alma. Observamos que o exercício de lembrar o passado pessoal está fortemente presente, mas como parte de um esforço de esquecimento desse passado. É preciso renunciar, esquecer as lembranças da vida mundana, para lembrar-se apenas das coisas sagradas e superiores (a paixão de Cristo, o exemplo dos santos, a eternidade, as virtudes, os terrores da danação). Percebe-se que a renúncia do mundo terreno não implica apenas no abandono material das coisas deste mundo, mas, mais ainda, no esquecimento delas. Renunciar é também esquecer; o abandono do mundo depende do esquecimento para ser bem sucedido. Vemos que a construção da biografia individual, através da rememoração, é estimulada, porém, é trazida à tona para que seja suplantada. A trajetória individual, personalizada, é colocada em segundo plano, pois é sobreposta pela lembrança das verdades eternas, única lembrança que merece ser conservada.

Sobre este ponto, Frances Yates, em seu estudo sobre a memória medieval no livro *A Arte da memória* (2007, op. cit.), nos apresenta considerações importantes. A autora busca compreender como os medievais deram à arte da memória um sentido ético e não mais retórico, como nos antigos, procurando o interesse dos medievais ao lerem as artes de memória formuladas por autores da Antiguidade. A autora pretende mostrar o que os medievais consideravam importante lembrar: as coisas referentes à salvação e à danação, as virtudes e os vícios, as cenas do Paraíso e do Inferno (YATES, 2007, op. cit., p. 78), segundo ela: “Eram essas as coisas esculpidas nas Igrejas e catedrais, pintadas nos vitrais e nos afrescos. E eram sobretudo essas que queria lembrar pela arte da memória, que seria utilizada para fixar, na memória, o material complexo do pensamento didático medieval.” (Ibid., p. 79) E eram justamente esses os principais tópicos difundidos também pela mensagem didática das obras sobre a morte, como a *Ars moriendi*.

Yates mostra que os medievais reforçaram o caráter ético da memória, ao ligarem os vícios e as virtudes à necessidade de lembrar do Paraíso e do Inferno. A memória passaria a ser um exercício moral, que deve cultivar a lembrança das coisas superiores e

eternas (Ibid., p. 83-84). Observa-se, com o desenvolvimento do sentido moral da memória, o surgimento de um sentido místico e contemplativo dado ao processo de memorização, que passa a se identificar com a prática religiosa, o exercício da devoção. O ato de memorizar depende de uma intenção moral e devota: para ser virtuoso é necessário recorrer à memória, mas à *memória das coisas dignas de serem lembradas*: as virtudes e os vícios, as recompensas ou punições no além, etc. Desta maneira, o uso ético, didático e religioso dado pelos medievais ao exercício da memória, pode ser observado nitidamente pela leitura da *Ars moriendi*, que postula que a única lembrança a ser conservada é a das coisas eternas, em oposição às lembranças da vida terrena particular.

O tratamento do tema da morte nos livros de devoção é relevante na medida em que percebemos a crescente e constante referência à morte pela pedagogia clerical, o que nos apresenta a importância de refletirmos sobre o significado dessa centralidade da morte na pedagogia. A importância de pensarmos a articulação entre morte e memória, por sua vez, se justifica pela insistente presença da rememoração no conteúdo didático dessas obras e pelo interesse de se refletir sobre como o exercício individual da memória contribui para a construção da consciência individual e introspectiva da morte dos medievais – uma vez que a consciência da morte não pode ser pensada sem a noção de temporalidade e a “morte de si” não pode ser percebida sem a idéia de trajetória individual.

Através da análise das obras didáticas sobre a morte, percebemos que o recurso à memória se apresenta como a base fundamental da percepção da “morte de si”, como o elemento base para o desenvolvimento de uma introspecção da reflexão sobre a morte, e da própria devoção. Em outros termos, o recurso ao exercício pessoal da memória é o alicerce de uma reflexão interiorizada.

A partir da análise de alguns dos principais textos sobre a morte no século XV, visualizamos como cada um deles, sob diferentes ênfases e com recursos textuais próprios, articulou o tema da morte ao exercício da memória e pretenderam que seus leitores conciliassem suas lembranças particulares, as lembranças da vida mundana, com a memória das coisas eternas. Assim, o exercício moral da memória é uma prática fundamental que deve sustentar a atitude em relação à morte: a prática da memória, que se funda no esquecimento do passado mundano e na lembrança das verdades eternas, é

um exercício necessário ao processo de abandono do mundo e de alcance da eternidade, processo em que a morte é o centro e o ponto decisivo. O ato de lembrar é o exercício que sustenta o conteúdo persuasivo desses textos, do início ao fim.

Além disso, esses textos nos permitem ver como o exercício da memória é o elo que traz os preceitos pedagógicos e morais definidos pela Igreja para o íntimo da devoção do fiel, ou seja, a memória tem um papel relevante no processo de interiorização das normas referentes à morte. Esses textos nos mostram como o discurso pedagógico propôs que a morte fosse vivida e o lugar central da memória nesse processo de aprendizado da morte. A partir disso, podemos compreender o importante papel das obras didáticas sobre a morte para o contexto de renovação da pastoral cristã em território francês, no século XV.

Em suma, este trabalho pretende contemplar o triângulo memória, morte e introspecção da reflexão sobre a morte, tendo como base a idéia de que no período em questão há o fortalecimento da individualização da preocupação com a morte. Percebemos que o exercício da memória pretende ser o artifício fundamental que embasa a introspecção e a percepção individual da morte, tendo em consideração que essa introspecção se sustentada pela necessidade de proteção espiritual individual, contra o desamparo na hora da morte.

FONTES PRIMÁRIAS

Aye la mémoire de la mort et jamais tu ne pecheras. Paris: Guy Marchant, 1495.

La grande danse macabre. Paris: Baillieu, 1862.

Lart de bien mourir. Trad. Guillaume Tardif. Antoine Vérard (Ed.): Paris, 1496.

Bilder ars. In: BAYARD, Florence. *L'art de bien mourir au XVe siècle.* Étude sur les arts du bien mourir au bas Moyen Age à la lumière d'un ars moriendi allemand du XVe siècle. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1999.

BIBLIOGRAFIA E OUTROS DOCUMENTOS UTILIZADOS

ALEXANDRE-BIDON, D. *La mort au Moyen Age.* Paris: Hachette, 1998.

ALVAREZ, F. J. B. *Del escribando a la biblioteca: la civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII).* Madri: Síntesis, 1997.

ARIÈS, P. *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média.* Lisboa: Teorema, 1989.

_____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

BAYARD, F. *L'art de bien mourir au XVe siècle*. Étude sur les arts du bien mourir au bas Moyen Age à la lumière d'un ars moriendi allemand du XVe siècle. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1999.

BARBIER, F. *História Del libro*. Madri: Alianza, 2005.

BASCHET, J. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo Globo, 2006.

BOESPFLUG, F. La Trinité à l'heure de la mort . In : *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 8 | 2001, [En ligne], mis en ligne le 13 mars 2008. URL : <http://crm.revues.org/index389.html>. Consulté le 10 décembre 2010.

BOZOKI, E. Les moyens de la protection privée. In : *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 8, 2001, [En ligne], mis en ligne le 13 mars 2008. URL : <http://crm.revues.org/index397.html>. Consulté le 10 décembre 2010.

BLOCH, M. L. B. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOUTET, D.; HARF-LANCNER, L. *Écriture et modes de pensée au Moyen Age (VIIIe-XVe siècles)*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1993.

_____. ; STRUBEL, A. *Littérature, politique et société dans la France du Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

BRAET, H.; VERBEKE, H. (eds.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.

CARRUTHERS, M. La mémoire et l'éthique de la lecture. In: *Le livre de la Mémoire*. La mémoire dans la culture médiévale. Macula, 2002.

CAVALLLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

CESSOLES, J. *Le jeu des echaz moralisé*. Trad. Jean Ferron (1347). Paris: Honoré Champion, 1999.

CHARTIER, R. Les arts de mourir. *Annales ESC*, Paris, v. 31, n. 1, pp.51-75, jan-fev. 1976.

_____. ; MARTIN, H.-J. *Histoire de l'édition française*. Fayard/Promodid, 1989.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XV*. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. São Paulo, IEA, 5, 11, 10/04/1991 p. 173-191.

_____. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

CHASTELAIN, G. *Le miroir de mort*. Lyon: Martin Huzs, 1481-1482.

CHAUNU, P. Mourir à Paris (XVIe-XVIIe-XVIIIe siècles). *Annales ESC*, Paris, v.31, n.1, pp. 29-49, jan-fev. 1976.

_____. *O tempo das reformas: (1250-1550): a crise da cristandade*. Lisboa: Edições 70, 1993. v.1.

_____. *O tempo das reformas: (1250-1550): história religiosa e sistema de civilização: a reforma protestante*. Lisboa: Edições 70, 1993. v.2.

CHÉLINI, J. *Histoire religieuse de l'occident medieval*. Paris: Armand Colin, 1968.

COLEMAN, J. The critical texts of antiquity. In: *Ancient and medieval memories*. Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 1992.

DIGULLEVILLE, G. *Pelerinage de l'ame*. London: J.J. Stürzinger, 1895.

DUBY, G; MANDROU, R. *Histoire de la civilisation française*. Paris: Armand Colin, 1968.

DUREAU, J.-M. Les premières ateliers français. In: CHARTIER, R.; MARTIN, H.-J. *Histoire de l'édition française*. Fayard/Promodis, 1989.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *A solidão dos moribundos*. Seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2001.

FAURE, P. Introduction. In : *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 8 | 2001, [En ligne], mis en ligne le 13 mars 2008. URL : <http://crm.revues.org//index401.html>. Consulté le 10 décembre 2010.

FEBVRE, L; MARTIN, H. J. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista; Hucitec, 1992.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008.

GENET, J.-Ph. *La mutation de l'éducation et de la culture médiévales*. Paris: Seli Arslan, 1999. v.2.

GOUREVITCH, A. L'individualité au Moyen Age. *Annales ESC*, setembro-outubro 1993, n. 5, pp. 1263-1280.

GILSON, E. *La filosofia en la Edad Media*. Madrid: Gredos, 1965.

_____. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUITTON, J. Acerca do intemporal; Conclusão. In: *Justificação do tempo*. Lisboa: União Gráfica, 1969.

_____. Le present, le passé et l'avenir. In: *Le temps et l'éternité chez Plotin et Saint Augustin*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959.

HALBWACHS, M. Memória individual e memória coletiva. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. Ulissea: Lisboa, 19--?

KIENING, C. Le double décomposé. Rencontre entre des vivants et de morts à la fin du Moyen Age. In: *Annales ESC*, sep. –octobre, 1995, 5, PP. 1157-1190.

LAUWERS, M. *La mémoire des ancêtres, le souci des morts: morts, rites et société au Moyen Âge*. Paris: Beauchesne, 1997.

LECLERCQ, J. *As grandes linhas da filosofia moral*. São Paulo: Herder, USP, 1967.

LE GOFF, J. *La baja Edad Media*. Madri: Siglo XXI, 1973.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.

LIBERA, A.de. *A filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MARTIN, H. *Mentalités médiévales: XIe-XVe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

MUNIZ, M. R. C. *Sobre a arte de morrer no outono medieval*. In: *Outros tempos*, Uema, volume 4, 2007.

NEVEAUX, H. Les lendemains de la mort dans les croyances occidentales. In: *Annales HSS*, 1979, 34, n. 2, pp. 245-263.

RAPP, F. *L'Église et la vie religieuse en occident a la fin du Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

ROCHE, D. *La mémoire de la mort: Recherche sur la place des arts de mourir dans la librairie et la lecture en France aux XVIIe et XVIIIe siècles*. *Annales ESC*, Paris, 31, n.1, pp. 76-119, jan-fev. 1976.

ROMANO, E. *Sobre o poder eclesiástico*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1989.

SAENGER, P. Manières de lire médiévales. In: CHARTIER, R.; MARTIN, H.-J. *Histoire de l'édition française*. Fayard/Promodis, 1989.

SCHMITT, J.-C. *Os vivos e os mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *La raison des gestes dans l'occident médiéval*. Paris: Gallimard, 1990.

_____. *Le corps, les rites, les rêves, le temps*. Essais d'anthropologie médiévale. Paris: Gallimard, 2001.

SILVA, P. J. C. da. A ars moriendi jesuítica: história de uma prática psicológica. *História Unisinos*, 11(2):203-209, Maio/Agosto, 2007.

STRUBEL, A. "*Grant senefiance a*": *allégorie et littérature au Moyen Âge*. Paris: Honoré Champion, 2002.

TENENTI, A. *Ars moriendi*. Quelques notes sur le problème de la mort à la fin du XVe siècle. *Annales, ESC*, 1951.

TONNERRE, N.-Y. *Être chrétien en France au Moyen Age*. Paris: Seuil, 1996.

VAUCHEZ, A. *A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII-XIII*. Lisboa: Estampa, 1995.

_____. Avant-propos. In : *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 8 | 2001, [En ligne], mis en ligne le 13 mars 2008. URL : <http://crm.revues.org//index399.html>. Consulté le 10 décembre 2010.

VERGER, J. *As universidades na Idade Média*. São Paulo: Unesp, 1990.

_____. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999.

VEYNE, P. *Como se escreve a história/ Foucault revoluciona a história*. Brasília: UnB, 1998.

VINCENT, C. « Protection spirituelle » ou « vigilance spirituelle » ? In : *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*, 8 | 2001, [En ligne], mis en ligne le 13 mars 2008. URL : <http://crm.revues.org//index402.html>. Consulté le 10 décembre 2010.

VOVELLE, M. *Les attitudes devant la mort: problèmes de méthode, approches et lectures différentes*. *Annales ESC*, Paris, 31, p. 120-131, jan-fev. 1976.

_____. *Les âmes du purgatoire: ou le travail du deuil*. Paris: Galimard, 1996.

_____. *Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura medieval"*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 2000.

Dicionários:

Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500). Disponível em <http://www.atilf.fr/dmf/>